



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS

NAZARENO JOSÉ DE CAMPOS

MEMORIAL DE ATIVIDADES ACADÊMICAS (MAA) PARA AVALIAÇÃO COM A
FINALIDADE DE PROMOÇÃO A PROFESSOR TITULAR

Florianópolis/SC 2018

SUMÁRIO

Preâmbulo	1
1. Geografia, uma paixão	2
2. Geografia, a formação	2
2.1. Graduação na UFSC. Quando chega a Geografia?	2
2.2. Os Anos da Especialização e Mestrado	4
2.3. Doutorado na USP e a experiência em Lisboa	5
3. Geografia, a profissão: os percursos na docência	7
3.1. A Experiência no Ensino Fundamental, Médio e Superior pré-UFSC	7
3.2. Os Anos de docência na UFSC	8
4. Os Caminhos da Pesquisa	10
4.1. As Orientações	10
4.2. Projetos / Atividades / Temas Específicos de Pesquisa	11
4.2.1. São José: município de interesse pessoal	11
4.2.2. Sociedade e cultura açoriana. E a experiência nos Açores em 2007	12
4.2.3. Terras de Uso Comum / Populações Tradicionais / Cartografia Social – as várias experiências	16
4.2.4. Outros projetos	26
5. O Lugar da Extensão	26
5.1. Participação em Eventos científicos (encontros/congressos/simpósios/seminários)	27
5.1.1. Participação como ouvinte e/ou apresentador de trabalho	27
5.1.2. Como coordenador do evento e/ou atividade específica	27
5.2. Projetos de Extensão	28
5.3. Participação em bancas de trabalhos finais de curso	31
5.3.1. Bancas de trabalhos finais de curso (graduação e pós-graduação)	31
5.3.2. Bancas de ingresso em cursos de pós-graduação	32
5.3.3. Bancas de Concurso Público para o Magistério Superior	32
5.4. Ministração de Cursos/Minicursos	33
5.5. Mesas Redondas / Palestras / Conferências	33
6. Funções e Atividades de Administração	34
7. Outras coisas	35
E o devir?	36

PARTE I

MEMORIAL

PREÂMBULO

Narro aqui, neste Memorial de Atividades Acadêmicas (MAA), o que considero mais relevante, desde que, em março de 1977, ingressei na vida acadêmica em um curso de graduação, nesta Universidade Federal de Santa Catarina, meu segundo lar, por vezes primeiro, dependendo do contexto. A partir de 1991 ingressei no quadro docente desta instituição, onde permaneço, e que por um bom tempo ainda pretendo contribuir. Regimentalmente sigo a Resolução Normativa nº 40/CUN/2014, que normatiza a ascensão à classe E (Titular) dos integrantes do Magistério Superior da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Em seu artigo 4º fica definido que o MAA “*consiste em um documento de caráter descritivo, analítico, quantitativo e qualitativo, que destaque fatos marcantes e méritos acadêmicos da trajetória do docente*”. O difícil é saber o que é mais ou menos marcante, e, deste modo, estar ou não inserido no Memorial. Tudo bem que na vida muitas são as partes, mas o que mais importa é o todo. É este que nos explica, que diz o que somos, por que somos, como somos. Digo isso, pois, nem sempre é fácil se tirar algo, considerá-lo menor, menos expressivo, quando, muitas vezes, é o pequeno, o simples, que nos faz mudar de opinião, seguir novo rumo, tomar novas decisões, transformar. Mas, como dificulta considerar tudo aquilo que se fez em quatro décadas de existência, sob pena, inclusive, de esquecer coisas relevantes, é que levo em consideração a Resolução, contemplando “*as atividades relacionadas ao ensino e à orientação na graduação e pós-graduação e as atividades de pesquisa e/ou extensão e/ou administração*”, sem priorizar esta ou aquela, pois todas tiverem e têm importante papel no processo de crescimento pessoal e os reflexos, positivos esperamos, para todos aqueles que de algum modo estiveram presentes em nossa caminhada. A documentação comprobatória, composta de documentos digitalizados, segue anexa e foi organizada segundo a sequência de itens que constam do art. 5º da Portaria nº 982/MEC/2013.

1. GEOGRAFIA: UMA PAIXÃO

Minha relação com a Geografia foi sempre prazerosa e apaixonante. Começou muito cedo, lá pelos oito, nove anos de idade – 1965 mais ou menos. Um de meus irmãos, sem saber, teve grande participação nisso. À época ele estudava no Seminário de Azambuja, Brusque (dizia que ia ser padre, acabou não sendo). Possuía diversos livros, atlas e almanaque. Eu costumava olhar e folhear todos, mas o que mais fortemente me atraía era um atlas geográfico, um Almanaque Mundial, do ano de 1962, com dados e informações de todos os países, e, um livro de Geografia Geral de Aroldo de Azevedo. Quando os lia, viajava mundo afora. Ficava imaginando como seria em cada um daqueles lugares, se era parecido ou muito diferente do Brasil. Por que os países possuíam tamanhos e formas tão diferentes, assim como muita população nuns lugares e quase nada noutros. Uns tinham muita indústria e comércio, noutros dominava a atividade agrícola e a extração mineral. Havia florestas, desertos, regiões geladas, oceanos, rios, lagos..... Enfim, tudo aguçava a curiosidade.

Outros livros também me chamavam a atenção, como os de história, ciências (nos temas mais ligados à botânica e zoologia), e os de línguas estrangeiras (italiano, latim, inglês). Enquanto os de ciências dirigidos à biologia, física e química, e os de língua portuguesa e matemática, pouco era o interesse. Com o tempo, o amor à geografia aumentava. No ensino fundamental, e também no médio, admitia notas ruins em qualquer disciplina; porém, em geografia, jamais. Menos de nove era inadmissível. Cobrava demais de mim mesmo. Tem alguma explicação para isso? Não sei. Digo as vezes que a Geografia “tá no sangue”. Portanto, ao passar esse período, alguma dúvida no que fazer no vestibular?

2. GEOGRAFIA: A FORMAÇÃO

2.1. Graduação na UFSC. Quando chega a Geografia?

Em 1977 chega o Vestibular na UFSC e, é evidente, a certeza. Mas.... Estudos Sociais? O que é isso? Reclamas do que, alguém me diz: estás levando quatro por um (Geografia, História, OSPB e Educação Moral e Cívica). História, maravilha, é irmã siamesa, mas essas outras coisas aí, não me apetezem! Por sorte a dita Licenciatura Curta, foi realmente curta. E logo veio a Licenciatura Plena, e a Geografia como base. Isso, contudo, não foi problema, pois tive um curso sem percalços e, embora gostasse de tudo que suas quatro áreas (geografia física, geografia humana,

geologia, cartografia) ofereciam, me enveredei mais para os lados da geografia humana. Não obstante fui Monitor, por um ano e meio, nas disciplinas de Geologia e Climatologia. Nesta, inclusive, ajudava nas aulas da disciplina, então ministrada pela professora Lucita Freysleben.

Gostava do que fazia na monitoria, assim como também das disciplinas ligadas à geografia física (algumas em especial, como biogeografia, que inclusive lecionei quando professor na UNISUL, em Tubarão, no sul do estado, paleontologia e geomorfologia). Sempre tive em mente que sociedade e natureza se completam não podendo vê-las em separado. Todavia, sempre haverá motivos para as escolhas que fazemos. Tive uma gradual inserção às questões sociais, movimentos, etc, naquele difícil período da história brasileira, de exceção política, embora esta já estivesse agonizante. Um pouco disso veio de casa: meu pai, getulista de carteirinha e adepto de Jango, esconjurava o regime 1964-85 e eu não menos, ativamente participando da Novembrada e outros movimentos pró-democracia no período. Saliento que o viés foi aguçado ainda mais a partir da disciplina Organização do Espaço, ministrada pelo professor Armen Mamigonian, que nos trouxe a tona discussões e bibliografias de cunho marxista, que até então desconhecíamos¹.

Formei em dezembro de 1980, no curso de Licenciatura. Não era o que queria, pois não me admitia vir a ser professor. Era muito tímido, com dificuldades de me expressar em público². Queria mesmo era ser geógrafo, profissional, razão pela qual completei as disciplinas necessárias para completar a carga e me formar também no Bacharel, o que ocorreu em 1983, sem a exigência, à época, de apresentar um Trabalho de Conclusão de Curso.

Naquele mesmo ano de 1980 tive a experiência de realizar um estágio profissional nas Centrais Elétricas do Sul do Brasil S.A. – ELETROSUL, junto à AMA – Assessoria para o Meio Ambiente, com trabalhos no edifício-sede (Florianópolis) e atividades de campo nas então áreas de previsão de construção das usinas hidrelétricas de Itá, Santa Catarina, e Machadinho, no Rio Grande do Sul, ambas, no Rio Uruguai. E, em 1982, trabalhei numa empresa privada chamada SOTEPA – Sociedade Técnica de Estudos Projetos e Assessoria, numa pesquisa dirigida ao então Departamento de Estradas e Rodagem – DER/SC, com duas etapas: a primeira de pesquisa nas indústrias e a segunda em relação ao tráfego rodoviário. Em ambas as situações houve experiências positivas e negativas.

Conhecer a realidade de uma região, de um povo, que estava por sofrer grandes transformações através da construção de uma gigantesca barragem, foi marcante. Sentia a aflição daquele povo, e, ao comentar no setor em que trabalhava recebia do chefe a seguinte afirmação:

1 Até hoje, considero importante e atual o debate, na geografia e história, sobre o que tratam os capítulos 24 e 25 do livro II de O Capital – A Chamada Acumulação Primitiva e, Teoria Moderna da Colonização.

2 Lembro que na disciplina Geografia Regional do Brasil, a professora Mariléia Caruso propunha desenvolvermos um tema e darmos uma aula a respeito. Eu me esquivava o tempo todo tentando evitar, e ela me dizia: “o que pensas que estás fazendo aqui. Isto é Licenciatura, irás te formar professor e tens que aceitar isso”. Estava certa ela.

“essa gente é um bando de atrasado, não sabe o que é o progresso”. Não menos diferente ocorria em relação à Sotepa. Nesta, só as esporádicas reuniões se davam no Escritório. As demais atividades ocorriam em campo. Viajávamos Santa Catarina de norte a sul, leste a oeste. Isto foi ótimo, pois, conheci as mais diversas realidades (ambientais, sociais, econômicas) do estado, o que me facilitou em muito em assumir, em nosso curso de graduação, a disciplina Geografia de Santa Catarina assim que surgiu a oportunidade após a aposentadoria do professor que a lecionava. Até hoje a leciono, inclusive ao nível de pós-graduação, quando possível, como “Santa Catarina: formação e dinâmica sócio-espacial”. Todavia, percebi que os resultados dos questionários aplicados na pesquisa eram analisados e manipulados conforme os interesses da empresa e do órgão receptor, menosprezando boa parte do que indicávamos como observações e sugestões.

Estas experiências me fizeram então perceber que a realidade profissional nem sempre se enquadra naquilo que se deseja. Fui cada vez mais me decepcionando com a possibilidade de acabar por vir a me tornar um profissional geógrafo “fazedor de tarefas” na lógica e interesses de alguns (fossem de caráter público ou privado). Mesmo assim ainda resistia à ideia de lecionar. Mas, as contingências da vida nos levam por caminhos que nunca imaginamos, e acabei, quase quatro anos depois de formado, assumindo finalmente o magistério.

2.2. Os Anos da Especialização e Mestrado

Em 1981 ingressei no curso de pós-graduação *latu sensu* (Especialização), na área de Desenvolvimento Regional e Urbano, desenvolvendo, como Monografia (defendida em 1983), o “*Sistema de Abastecimento do Mercado Florianopolitano: comércio de carnes em geral*”. Embora caracterizasse o comércio e a relação com Florianópolis, cidade, inicia-se aí um forte viés ligado a temáticas voltadas ao regional e também ao meio rural e que me acompanha até hoje. O período na Sotepa ajudou de certo modo, pois, num acordo com os colegas que comigo trabalhavam, nos municípios que havia frigoríficos de expressão, os questionários eram eu que aplicava, ajudando diretamente em dados e informações necessários ao entendimento do tema da monografia.

Aquela área da Pós, por sua vez, torna-se, em 1985, uma pós-graduação *strictu sensu*, com a criação do curso de Mestrado. Entro já na primeira turma. Reconheço que me preocupava se daria conta já que o nível era bem mais aprofundado e as exigências bem maiores. O viés do rural se aprofundava, assim como também em relação ao regional (principalmente quanto a Santa Catarina, Brasil, América Latina e África). Era a necessidade de querer compreender as formações, e dinâmicas, sócio-espaciais do país e do mundo. Isto acabou influenciando mais tarde no processo da docência, já que passei a trabalhar também, como disciplinas optativas, a geografia da América

Latina e da África, e por vezes também Geografia Regional do Brasil. Como Dissertação pensava um tema ligado à produção agrícola, mas não o tinha ainda definido. Não obstante, meu orientador, professor Armen Mamigonian, me instigava vez por outra sobre a presença ou não na região de “terras comunais”, que pouco ouvira falar, mas que comecei a perceber que se tratava de algo que eu havia vivido quando criança no bairro Córrego Grande na Ilha de Santa Catarina, quando ia ao “campo” – espaços constituídos por restingas e banhados – levar nossa vaquinha a pastar, buscar lenha, ervas medicinais e outros usos. Não imaginava ele que estava ali direcionando boa parte de minha trajetória (acadêmica e profissional) quanto ao tema das terras de uso comum. Agradeço plenamente a oportunidade recebida da orientação e acompanhamento naqueles anos do curso, e todo o apoio dado no processo de transformação da dissertação no livro “Terras Comunais na Ilha de Santa Catarina”, editado em 1991 pela Editora da UFSC em co-autoria com a Fundação Catarinense de Cultura.

Não obstante, a História sempre esteve também presente em minha vida. Cada vez mais percebia a indissociabilidade tempo-espaço quanto ao entendimento da realidade atual, só possível através da compreensão de seu processo histórico. Assim, quando da confecção da dissertação, realizei pesquisa documental no Arquivo Público de Santa Catarina, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (Rio de Janeiro) e de Santa Catarina e setores de obras raras de diferentes bibliotecas públicas, incluindo a Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro. Assim, foi possível compreender, no caso em voga, a gênese desta categoria de uso da terra e, inclusive, quanto à sua continuidade.

O término do mestrado dá-se em dezembro de 1989 através da defesa da dissertação intitulada: “*Terras Comunais e pequena produção açoriana na Ilha de Santa Catarina*”, que enfatizou a questão das terras de uso comum na Ilha em sua plenitude, mas sem perder o foco na formação sócio-cultural e econômica de gênese açoriana. Concomitante à defesa, realizava, no Departamento de Geociências da UFSC, concurso público de ingresso na carreira de docente. Passei, porém só assumi a vaga dois anos após. Havia naqueles tempos, na administração departamental, um foco político um tanto aguçado, que dificultava em relação ao acadêmico.

2.3. Doutorado na USP e a experiência em Lisboa

O tema, que havia me encantado, torna-se, efetivamente, parte de minha trajetória acadêmica e profissional, cada vez mais se aprofundando, não tendo assim nenhuma dúvida quanto ao que iria desenvolver no doutorado: entender como a questão se configurava a nível brasileiro, visto que, a este período, já tinha noção da existência de outros espaços e formas de uso comum, a exemplo dos

faxinais no Paraná e formas específicas no nordeste. Faltava decidir onde. Após muitas conversas e sugestões, tentei contato com a UFRJ (Lia Osório Machado) e UNICAMP (Ligia Osório Silva) que acabou não se concretizando, e por fim, com a USP (Regina Sader). Apresentei então meu projeto e estive em São Paulo para conversar com ela, que, coincidentemente, já conhecia minha dissertação e aceitou me orientar. Mas, tentou me convencer a desenvolver sobre Santa Catarina, porém, pela noção que já tinha do que poderia acrescentar além do que já o havia produzido em relação à Ilha, estava decidido a considerar todo o país como recorte espacial. Surge daí então a proposta da tese, intitulada: “*Terras de Uso Comum no Brasil: um estudo de suas diferentes formas*”.

Além de toda a pesquisa bibliográfica, documental e de legislação, estive em alguns espaços específicos de ocorrência do uso comum no território brasileiro, como em áreas de cocais do litoral sergipano, de faxinais no Paraná, e de formas de uso comum características no sertão pernambucano, além de ampliar acerca de Santa Catarina.

Tentando compreender um pouco mais profundamente a gênese e as diferentes formas de uso comum e de relações de coletivismo espalhadas pelo Brasil, passei um período em Portugal no ano de 1998, realizando um estágio-sanduíche no ICS – Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, que foi supervisionado pelo professor e antropólogo José Manuel Sobral, visto que o curso de geografia não existe naquele Instituto. A experiência foi excelente, pois, foi muito o material conseguido e que deu suporte para a tese, obtido na Biblioteca Nacional, bibliotecas de diferentes universidades de Lisboa, Porto, Coimbra e Évora, além do Arquivo Histórico Ultramarino, Arquivo da Torre do Tombo e outras instituições públicas. Conceitualmente, ficou evidenciado que os termos e significados quanto às diferentes formas de uso comum existentes aqui no Brasil e lá em Portugal não conferem, havendo muito mais diferenças do que similaridades.

Retornando ao Brasil, dei encerramento às atividades da Tese e a defendi em maio do ano 2000. Neste mesmo mês voltei às atividades docentes no Departamento de Geociências da UFSC. Assim como a dissertação, a tese também foi publicada, mas só em 2011, porém, bastante ampliada, com o título: “*Terras de Uso Comum no Brasil: abordagem histórico sócio-espacial*” pela Editora da UFSC. Esgotado, em 2016, foi então produzida uma segunda edição, todavia, em e-book, pela Fundação Getúlio Vargas³.

3 Disponível através do site <https://editora.fgv.br/ebooks>

3. GEOGRAFIA: A PROFISSÃO – Os Percursos na Docência

Passado a experiência da ELETROSUL e SOTEPA, e um curtíssimo período na Livraria Catarinense, as dificuldades em encontrar trabalho me empurraram forçosamente para o magistério. No início, ainda meio a contragosto. Mas depois fui me habituando e aceitando a nova condição.

3.1. A Experiência no Ensino Fundamental, Médio e Superior pré-UFSC

Havia na época facilidade em conseguir vaga como professor substituto, e assim dei início à experiência docente em junho de 1983 com a substituição, por um período de 30 dias, no ensino médio, no Instituto Estadual de Educação - IEE. Conjugava, neste período, o término da Especialização através da produção e posterior defesa da Monografia. Por cerca de um ano ficou nisso.

Efetiva e ininterruptamente a docência inicia em março de 1984 com uma substituição de 48 dias, no Colégio Estadual Aníbal Nunes Pires (bairro Capoeiras – parte continental do município de Florianópolis). Já no final deste período, estava, certo dia, no intervalo entre aulas na sala dos professores e surge um senhor, que se apresenta como Diretor e Proprietário do Colégio Antônio Peixoto (bairro Estreito – parte continental de Florianópolis), perguntando exatamente por mim. Questiona se eu poderia assumir as turmas deixadas pela professora Sandra Mendonça (por sinal minha amiga e que fizera parte de minha turma de graduação). Imaginei que havia sido através dela, porém, segundo ele comentou, foi através de meu ex-professor de cartografia, dos tempos de graduação e Especialização, Odair Gercino da Silva, que o havia sugerido. Lecionei por 15 meses no colégio. Saí por opção, haja vista que novas oportunidades foram surgindo; como o retorno ao IEE, por um período de cerca de 3 anos; também dois anos (1988-89) na Escola Técnica Federal de Santa Catarina – ETEFESC (hoje IFSC) – campus São José; e cerca de 5 anos no Colégio Estadual Joaquim Santiago, bairro Colônia Santana, município de São José. Neste, como professor efetivo do quadro estadual através de concurso público. Foi o único local em que trabalhei com todas as turmas do ensino fundamental e médio (nos demais só ensino médio) e também com a disciplina de História Antiga e Medieval. Além de ter sido eleito e assumido a direção do Colégio por um período de 2 anos. Saí após 7 meses, pois fui chamado a assumir a docência na UFSC.

Todas essas experiências na docência do ensino fundamental e médio dão-se entre meados de 1984 a fins de 1991. Concomitante a isto, já no início de 1983, havia, por uma sugestão do Professor Armen Mamigonian, estabelecido contato com o setor responsável pelo curso de Geografia da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, sobre vaga para professor que

estaria sendo aberta naquela ocasião, isto, num momento em que não havia tido ainda nenhuma experiência com a docência. Fui à UNISUL e ficou tudo acertado com a professora que coordenava os cursos de história e geografia, de iniciar imediatamente as aulas. Para minha surpresa, na segunda feira seguinte, chego para inicia-las e havia outro professor já as lecionando. A confusão foi que uma segunda pessoa, no setor administrativo, havia já acordado a vaga com este outro professor. Embora contrariado, concluí, considerando a ainda minha resistência em lecionar, de que, sem nenhuma experiência, poderia ter dificuldades. Foi daí que pensei: se há essa possibilidade de vir a lecionar no nível superior, quem sabe não inicio com umas aulas no ensino médio para ter mais experiência, e mesmo confiança. Surpresa maior se dá mais de dois anos depois, quando aquela primeira pessoa, entra em contato questionando se não teria alguém na UFSC que pudesse assumir algumas disciplinas imediatamente. Prontifiquei-me e fui então contratado pela instituição. Acabei ficando quase 6 anos por lá, só saindo igualmente em novembro de 1991, quando assumi na UFSC. Lá ministrei as seguintes disciplinas: Geografia Regional, Geografia Econômica, Geohistória, Geografia de Santa Catarina, Biogeografia, Oceanografia e, Métodos e Técnicas no Ensino de Geografia. Concomitantemente, no segundo semestre de 1989 e todo o ano de 1990 fui professor colaborador no curso de Geografia na Fundação Educacional de Santa Catarina – FESC/UDESC, onde lecionei as disciplinas Geografia Humana, Geografia Regional e Cartografia.

Todas essas experiências, tanto no ensino médio quanto superior, naquele momento (final de 1991) – ETEFESC, Colégio Joaquim Santiago e UNISUL, tive que deixar haja vista ter sido chamado para assumir a vaga na UFSC.

3.2. Os Anos de docência na UFSC

Em dezembro de 1989 eu passava por um período profissional e acadêmico bastante movimentado. Era período final de semestre, momento de provas e fechamento de notas dos alunos da UNISUL e do Colégio Joaquim Santiago, e, estava estudando para os concursos para efetivação na carreira do magistério, tanto da ETEFESC quanto da UFSC, que ocorreriam, ambos, naquele mês. E ainda, preparando a defesa da Dissertação de Mestrado, que tive que antecipar, para poder participar do concurso da UFSC, cuja exigência mínima era possuir mestrado. Não havia espaço para tudo isso. Tinha que priorizar e, conseqüentemente, refugar alguma coisa. Foi aí, neste momento, que tomei uma decisão que me marcou para o resto da carreira profissional. Pensei: já que assumi definitivamente o magistério, e tenho gostado e me saído melhor com universitários, por que não traçar um caminho neste sentido e priorizar a academia? Desisti então do concurso da ETEFESC e priorizei o da UFSC. Deu certo. Consegui uma das duas vagas do concurso. A outra

ficou com meu amigo sergipano, companheiro desde os tempos de Especialização e primeira turma do Mestrado, Ewerton Vieira Machado, hoje, um “catagipe”.

Entretanto, embora o governo federal acenasse favoravelmente à realização de concursos e imediata contratação, tendo em vista o número alto de aposentadorias que havia ocorrido até aquele período (isso em toda Universidade), não éramos chamados a assumir nossas vagas mesmo estando várias disciplinas do curso a descoberto, obrigando a contratação de professores substitutos. A ansiedade ia aumentando e chegou ao receio de que tudo se perderia caso estourasse os dois anos regulares de validade do concurso. Tudo indicava que o problema fosse político e inerente ao próprio Departamento de Geociências⁴.

Dilemas a parte, assumi como professor na UFSC em 14 de novembro de 1991, num período de final de semestre. Assim, fui me ambientando bem para assumir as disciplinas e demais atividades do semestre seguinte.

Nestes 27 anos de magistério na instituição, várias foram as disciplinas que ministrei na graduação, sendo Geografia de Santa Catarina o carro-chefe por assim dizer, trabalhando com ela desde o segundo semestre de 1999, logo após retornar do período de afastamento para o doutorado na USP (1995-1999). A partir daí, mesmo nos períodos que ocupava cargos administrativos no Departamento ou no Centro de Filosofia e Ciências Humanas – CFH continuava atuando nesta disciplina, a exceção do ano de 2007, quando estive no pós-doutorado em Portugal, e, no 2º semestre de 2012, por estar 40 horas/atividade na administração do CFH como Diretor da Unidade. Nos primeiros tempos, quando algumas disciplinas ficavam a descoberto e não havia a possibilidade da contratação de substitutos, trabalhei também com Geografia da População, Geografia do Comércio e Serviços, Geografia Urbana, Geografia Industrial, Organização Macro Regional do Espaço Mundial, Introdução ao Pensamento Geográfico, e Geografia do Brasil. Como disciplinas optativas, várias vezes lecionei Geografia da América Latina, e mais recentemente tenho ofertado a disciplina Geografia da África, como Tópicos Especiais em Geografia Humana. Curiosamente, embora o viés temático voltado para temas do rural, nunca lecionei e nem me preocupei a respeito quanto à disciplina Geografia Rural. Também lecionei em disciplinas de outros cursos da UFSC: Geografia Humana e Econômica que, até o currículo anterior, fazia parte da primeira fase do curso

4 Ambos, professor Ewerton e eu, fizemos, logo em seguida ao concurso na Geografia, outro, na área de estágio de geografia, do Departamento de Metodologia de Ensino do Centro de Educação - CED/UFSC. Havia uma vaga e também passamos no concurso. Ele foi em seguida chamado e só alguns anos depois que se transferiu para o Departamento de Geociências – curso de Geografia. Neste, eu entro em novembro de 1991, faltando apenas um mês para findar a validade do concurso. Isto porque, à mesma época, houve eleição no Departamento e, eleitas, as professoras Sandra Furtado e Maria Dolores Buss, respectivamente chefe e sub-chefe do Departamento, imediatamente me chamaram a assumir a vaga, continuando tal ação com os concursos que continuaram a ocorrer com as novas aposentadorias.

de graduação em Sociologia; e, Geografia da Alimentação, que igualmente, até o currículo anterior, fazia parte do curso de Nutrição, do Centro de Ciências da Saúde – CCS.

Na pós-graduação, tenho lecionado desde o segundo semestre de 2003 no Programa de Pós-Graduação em Geografia – PPGG/GCN/CFH/UFSC, alternando as disciplinas *Santa Catarina: formação e dinâmica sócio-espacial*; e, *Geografia Histórica Brasileira: dinâmica territorial e configuração regional*, ofertadas como “Tópicos Especiais em Geografia Humana” na Área de Desenvolvimento Regional e Urbano. Cheguei também a lecionar a disciplina *Seminários de Tese*, que era transversal a ambas as áreas: Desenvolvimento Regional e Urbano e, Utilização e Conservação dos Recursos Naturais. De fins de 2009 a fins de 2011 fiz parte também do corpo docente do Curso de Pós-Graduação *Latu Sensu* “Ensino de Ciências Humanas e Sociais em Escolas do Campo”, como professor da disciplina *Fundamentos e Metodologia do Ensino de Geografia*. Durante o curso, realizei atividades pedagógicas tanto na UFSC quanto no Instituto de Educação Josué de Castro em Veranópolis-RS, por duas oportunidades. Tal curso gerou dois capítulos no livro *Temas e Problemas no Ensino em Escolas do Campo* (organizado pelas professoras Célia Regina Vendramini e Bernardete Wrublewski Aued), intitulados: *O Contestado e sua inserção no ensino fundamental e médio de geografia* (acompanhando a Edson de Lorenzi) e *Ensino de Geografia: relatos de uma experiência* (em conjunto com Magaly Mendonça, Aloysio Marthins de Araújo Jr e Clécio Azevedo da Silva); e, uma orientação de monografia do estudante, e professor em Escolas do Campo, Edson de Lorenzi, com o tema *Vale do Rio do Peixe e Planalto Catarinense: o Contestado e sua inserção no ensino fundamental e médio de Geografia*.

4. OS CAMINHOS DA PESQUISA

4.1. As Orientações

Desde os primeiros tempos como profissional na UFSC fui me inserindo em atividades de pesquisa. Iniciei orientando, em 1993, um projeto de Iniciação Científica, e no ano seguinte minha primeira orientação de Trabalho de Conclusão de Curso de graduação – TCC. No total, até o momento, foram orientados 32 TCCs e mais duas supervisões de Estágio de Conclusão de Curso – um Estágio Obrigatório junto ao Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, e um Estágio Facultativo. Destes, quatro desistiram na fase final da orientação por decidirem dar término ao curso apenas como licenciatura. Há uma grande concentração em temas que retratam *questões e realidades locais específicas* (15); *questões urbanas específicas* (8); *comunidades*

tradicionais/formas de uso comum (3); *realidades rurais específicas* (3); *uso da terra/função social* (1); *temática socioambiental* (1); e ainda uma *biografia*. No momento, duas orientações em andamento, ambas com tema também inserido na primeira temática exposta.

Continuando em relação às orientações há também as de pós-graduação. No nível *latu sensu*, orientei uma monografia de Especialização sobre o tema “Contestado”, em relação ao ensino fundamental e médio. No nível *strictu sensu*, foram 10 dissertações concluídas e 2 em andamento, e, 3 teses concluídas e 1 em andamento. Deste total de 16, há um predomínio quanto a temas sobre *realidades rurais específicas* (6) e *realidades regionais específicas* (5); *questões urbanas específicas* (2); *comunidades tradicionais/formas de uso comum* (2); e *problemática socioambiental* (1). Houve ainda, em 2013, a supervisão de Maestria de Vania Leticia Vallejo León, da Universidad Autónoma del Estado del México com o tema: *Desarrollo de indicadores que registren las implicaciones socio-ambientales por reconversión productiva en Jalmolonga, Malinalco en Estado de Mexico*, em seu estágio-sanduíche junto à UFSC. E, recentemente, entre agosto de 2017 e julho de 2018, supervisionei o estágio pós-doutoral da prof^a Maria Lúcia Cereda Gomide, da Universidade Federal de Rondônia – Campus Ji-Paraná, com o tema: *Terras Indígenas em áreas de transição cerrado-Amazônia em Rondônia*.

4.2. Projetos / Atividades / Temas Específicos de Pesquisa

Para além das orientações, houve os projetos de pesquisa e atividades a eles ligados; alguns atuando como coordenador, outros, como participante. Grande parte destes projetos se insere em algum tema de interesse específico, e que resultaram, alguns, em outros projetos, atividades, produções bibliográficas, atividades de extensão, orientações, conforme exponho a seguir.

4.2.1. São José: município de interesse pessoal

O interesse em pesquisar sobre São José foi algo pessoal, por tratar-se de minha terra, onde nasci e vivo 56 dos meus 61 anos. Em 2003 tive aprovado, como coordenador, o Projeto FUNPESQUISA, com o título: *O Urbano e a Urbanização em São José: aspectos sócio-ambientais*, que evidenciava o processo de transformações que até aquele momento ocorriam no município de São José, que faz parte da área conurbada de Florianópolis, e suas implicações sociais e ambientais. Participaram também como membros do projeto os professores(as) Ewerton Vieira Machado (com domínio em questões urbanas), Maria Lucia de Paula Herrmann (atuando em

relação às áreas de risco ambiental e suas implicações) e Magaly Mendonça (sobre a questão climática e suas implicações).

Essa preocupação em compreender o processo de transformação sócio-espacial sofrida por São José geraram a apresentação e publicação de várias questões geográficas sobre o município como: *Anomalia pluvial: enchentes, deslizamentos e o descaso do poder público no município de São José-SC* (Semana da Pesquisa na UFSC em fins de 1993); *São José: crise nos serviços públicos e problemas sócio-ambientais* (1º Simpósio Nacional O Pensamento de Ignácio Rangel em 1994); e, *Dinâmica Sócio-Espacial de São José-SC: da convergência de elementos de três formações sócio-espaciais catarinenses às novas lógicas de crescimento nos séculos XX e XXI* (Seminário Internacional América Platina em 2014); além da publicação do capítulo *São-José-SC: Faces do Rural no Transcorrer Histórico*, no livro *O Espaço Rural de Santa Catarina: novos estudos*, Editora da UFSC, 2013. Por fim, orientei três TCCs e uma Dissertação de Mestrado que retratam tema diretamente ligado ao município. Atualmente, como atividades inseridas no Projeto *Políticas públicas, mercados institucionais e agricultura urbana/periurbana*, o município de São José tem sido também alvo de atenção, conforme pode ser percebido nas fotografias abaixo que identificam aspectos de sua dinâmica atual em termos de agricultura (e pecuária) urbana e periurbana.



Produção orgânica no bairro Sertão do Maruim e criação de gado no bairro Forquilhas

4.2.2. Sociedade e cultura açoriana. E a experiência nos Açores em 2008

Outro tema de interesse direto tem sido o debate e discussões acerca da formação social e cultural de gênese açoriana do litoral catarinense, cuja origem açoriana, também suscitou interesse em trabalhá-la. Já em 1986 havia publicado, na Revista Geosul/UFSC, o artigo *Transformações sócio-espaciais na Pequena Produção Açoriana*. No Congresso de História e Geografia de Santa Catarina de 1997, foi apresentado e publicado em anais o artigo *A (Re)Produção do Espaço*

Litorâneo Catarinense. Por sua vez, entre 2005 e 2008, desenvolvi o projeto de pesquisa *A Questão do Público e do Privado na Sociedade e Cultura Açoriana do Litoral Catarinense*, retratando os diferentes aspectos inerentes à cultura e sociedade açoriana litorânea catarinense. Este suscitou a ideia, e confirmação, de um pós-doutorado nos Açores. Foi um período curto nas ilhas, mas suficiente para proporcionar elementos importantes para análise sobre a sociedade e cultura de gênese açoriana do litoral catarinense, quanto comparativamente em relação aos Açores. Retrato a seguir mais detalhadamente sobre tal experiência.

O interesse sobre a configuração litorânea catarinense e sua constituição sócio-cultural de gênese açoriana, e os constantes discursos que ouvia sobre açorianidade e cultura açoriana, num momento de plena expansão, por todo o litoral, de desenvolvimento do setor turístico, me fizeram querer compreender melhor sobre tudo isso. Foi daí que veio a decisão de fazer um pós-doutorado nos Açores. O estágio pós-doutoral durou oito meses, divididos quatro em Lisboa, no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (sob a supervisão do Prof. Dr. José Manuel Sobral), cujo intuito era aí obter o máximo de materiais e informações que me levassem a compreender o que Açores, sua cultura, e o conceito de açorianidade representava no contexto português como um todo. Confesso que dois meses teria sido o suficiente para tal e aproveitado mais o tempo nos Açores. Nas ilhas fiquei os outros quatro meses, alocado no Departamento de História da Universidade dos Açores, sob a supervisão do prof. Dr. Carlos Cordeiro. E realmente os quatro meses foram pouco. Seis, pelo menos, seria muito melhor. Na Universidade e em várias outras instituições públicas, obtive rico material (bibliográfico, histórico, documental, cartográfico) e que me deram a oportunidade de relacionar com o povoamento e cultura existente no litoral catarinense. O que foi ainda mais fortalecido com as conversas e entrevistas junto aos habitantes locais, tanto no meio rural quanto urbano. Observando ainda as diferenças culturais e de formação histórica que cada ilha possui, pois tive a oportunidade de visitar todas as nove ilhas do arquipélago. A seguir algumas fotografias que identificam a sociedade e cultura presente nas ilhas nos dias de hoje, e resultado de um longo processo histórico de formação e transformação.



Moinho de Trigo na Graciosa e agricultor com seu milho a secar em Santa Maria



O tradicional Império do Divino e o saco de pão posto na porta na Ilha Terceira



“Caldeira” no Corvo e relevo litorâneo característico em São Jorge



Aqueduto em São Miguel e tradicional casa de pedra no Pico



Gado e freguesia dos Anjos, onde Colombo passou ao vir para a América, na ilha de Santa Maria.

Como resultado dos trabalhos realizados no pós-doutorado, principalmente nos Açores, teve-se a publicação do artigo *Açorianos do litoral catarinense: da invisibilidade à mercantilização da cultura*, editado na *Revista Arquipélago – história*, da Universidade dos Açores, vol. XIII, 2009; e o *Cadernos Geográficos*, nº 24, de agosto de 2011, com o título *Litoral Catarinense: o coletivo e o individual entre a população de origem açoriana*, publicação do Departamento de Geociências – CFH/UFSC, ISSN 1519-4639, que tenta inclusive fazer um comparativo entre o que ocorre aqui e lá no arquipélago, observando as diferenças e similitudes.

Entre 2013 e 2015 cheguei a coordenar, com a participação da prof^a Leila Procópio do Nascimento (do Centro de Educação – CED/UFSC) e estudantes de graduação em geografia/UFSC, o projeto *Sociedade e Espaço na obra de Franklin Cascaes*, que visava, a partir de materiais inéditos da obra deste autor, contribuir para uma melhor compreensão dos mais variados aspectos da formação e dinâmica sócio espacial litorânea catarinense. Todavia, por dificuldades, à época, quanto ao acesso ao material do autor, foi decidido encerrarmos o projeto. Mas a possibilidade de o desenvolvermos no futuro permanece.

Houve ainda a orientação de um TCC, em 2014, com título: *Caminhos tradicionais de Barreiras do Ribeirão - Ilha de Santa Catarina. 2014* e da Tese de doutorado intitulada: *Das Ilhas de lá à ilha de cá: a construção da identidade açoriana no litoral catarinense*. E, está por ser

publicado o trabalho intitulado *Povoamento Vicentista e Açoriano-Madeirense*, em conjunto com as professoras Marcela Krüger Corrêa (IFSC – Florianópolis) e Leila Procópio do Nascimento (Centro de Educação/UFSC), que fará parte do fascículo 3 do Atlas Geográfico de Santa Catarina, da Secretaria de Estado do Planejamento, coordenado pela Prof^a Isa de Oliveira Rocha, e que será publicado pela Editora UDESC.

4.2.3. Terras de Uso Comum / Populações Tradicionais / Cartografia Social – as várias experiências

Como havia comentado inicialmente, por questionamentos e instigação do professor Armen Mamigonian, que já havia me orientado na Especialização e continuava a fazê-lo no Mestrado, me senti incentivado a desenvolver, pela primeira vez, uma pesquisa sobre o tema. Muito favoreceu para tal minha origem sócio-cultural açoriana e, portanto, a vivência de aspectos inerentes a esta cultura, ainda presentes na região litorânea catarinense, cuja questão do uso comum de espaços livres havia pessoalmente presenciado e vivenciado. Isto gerou a produção e defesa da Dissertação intitulada *Terras Comuns e pequena produção açoriana na Ilha de Santa Catarina*, que foi *ipses literis* publicada como o livro *Terras Comuns na Ilha de Santa Catarina*, em 1991, pela EDUFSC e Fundação Catarinense da Cultura.

Assim, o tema foi tomando conta de meu interesse maior de pesquisa e passei a realizar diversas atividades tendo ele como centro da discussão. A iniciar pela apresentação e publicação de trabalhos ligados a eventos: *Aspectos Jurídicos do Uso de Terras Comuns* na IX^a Semana de Geografia da UFSC em 1988; *Terras Comuns na Ilha de Santa Catarina* na XII^a Semana de Geografia da UFSC em 1991; *Terras comuns com gado à solta na fachada litorânea catarinense*. no I^o Seminário Nacional Sobre Tropeirismo em 1992 (Publicado em Coletânea em 1995); *As Terras de Uso Comum no Contexto Açoriano Catarinense* no IX Encontro Nacional de Geógrafos em 1992 (publicado nos Anais); *A Herança Pré-Feudal das Terras Comuns de Santa Catarina... e exemplos brasileiros* no XI^o Encontro Nacional de Geografia Agrária em 1992 (publicado nos Anais); *Terras Comuns: Ocorrências na Formação Sócio-Espacial Brasileira* no V^o Encuentro de Geógrafos de America Latina em 1995 (Publicado nos Anais); *Terras de Uso Comum junto aos caminhos de tropas* no V^o Seminário Nacional e II^o Encontro do Cone Sul sobre Tropeirismo em 2000 (publicado em Coletânea em 2004); *As Diferentes Formas de Uso Comum da Terra no Brasil* no VIII^o Encuentro de Geógrafos de America Latina em 2001 (publicado nos Anais); *Terras de Uso Comum no Brasil: elementos de base jurídica* no I^o Encontro dos Povos dos Faxinais em 2005 (publicado nos Anais); *Formas de Uso e Acesso da Terra pela População Cabocla do*

Planalto de Santa Catarina - Sul do Brasil (séculos XIX e XX) no XII Encuentro Internacional Humboldt em 2010 (publicado nos Anais); *Populações Tradicionais e Uso Comum no Brasil: verso e reverso da influência da Legislação* no XV Encuentro Internacional Humboldt, em 2013.

Além das publicações relacionadas aos eventos, outras publicações a respeito estão também presentes: *Terras Comuns na Ilha de Santa Catarina*, livro publicado pela Editora da UFSC / Fundação Catarinense de Cultura em 1991; *Uso Comum da Terra e Práticas Associativas da População Cabocla do Planalto Catarinense* (acompanhando a Marlon Brandt) na Revista Geosul (UFSC), v. 45, 2008; *Terras de Uso Comum no Brasil: abordagem histórico-sócio-espacial*, livro publicado pela Editora da UFSC em 2011 e segunda edição em e-book pela FGV em 2016; *Populações Tradicionais e Formas de Uso Comum: transformações atuais em áreas de fronteiras agrícolas*, capítulo do livro *Modernização e Regionalização nos cerrados do Centro-Norte do Brasil*, Editora Consequência, 2015.

Em termos de orientação, foram três TCCs (*Agricultores e pescadores dos Areais da Ribanceira, Imbituba-SC: uso comum da terra e território tradicional* por Aline Miranda Barbosa em 2011; *Quilombos na Ilha de Santa Catarina: olhar geográfico sobre a comunidade Vidal Martins* por Claudia Rojas Bravo em 2014; e, *Comunidade quilombola Munbuca, Mateiros, Tocantins: saberes enraizados no território tradicional* por Glaucia Bastos do Amaral em 2014; e duas dissertações de mestrado (*Uso comum e apropriação da terra no município de Fraiburgo-SC: do Contestado à Colonização* por Marlon Brandt em 2007; e, *A organização espacial do sistema faxinal: um estudo a partir da comunidade de Taquari em Rio Azul-PR* por Rodrigo Rocha Monteiro em 2009. Além da participação de inúmeras bancas (incluindo as orientadas), conjugando tanto o uso comum da terra e natureza em geral quanto populações tradicionais específicas, cujo uso comum é uma constante: cinco TCC, uma qualificação de mestrado, três mestrado, três qualificação de doutorado e três doutorado.

Por sinal, nesta direção, foi havendo gradativamente uma inserção da temática das terras e dos usos comuns com as chamadas **comunidades e populações tradicionais** quanto com a **Cartografia Social**, caracterizando-se num forte tripé de inserção tanto na pesquisa quanto na extensão. Isso foi se dando não apenas pela participação nas bancas de defesa dos trabalhos parciais (qualificações) ou finais e na orientação de trabalhos de graduação e pós-graduação, mas, também, na ampliação do foco a partir da participação em eventos. Assim, quando do *1º Simpósio de Pesquisadores de Faxinais: estado da arte e perspectivas*, ocorrido em 2011 em Ponta Grossa no Paraná⁵, possibilitou o estreitamento do vínculo que já possuía com o professor e antropólogo

5 Na oportunidade, visitamos e conversamos com moradores de dois diferentes faxinais no interior do município, acompanhados da prof^a Cicilian Löwen Sahr, da UEPG.

Alfredo Wagner Berno de Almeida (que veio a escrever o Prefácio de meu livro *Terras de Uso Comum no Brasil*) e por consequência do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia - PNCSA o qual ele coordena. Inserido então no assunto, participei da equipe ligada ao Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil, seção de Santa Catarina, coordenada à época pela antropóloga Raquel Mombelli. Foi daí o contato e produção da **cartografia social da Comunidade Tradicional de Agricultores e Pescadores dos Areais da Ribanceira**, do município de Imbituba, sul de Santa Catarina. Os areais, por sinal, uma terra de uso comum desde tempos imemoriais, cujas comunidades circundantes os utilizavam para a produção de roças itinerantes de mandioca e outros produtos, extrativismo do butiá e criação de gado à solta em áreas de condições mais apropriadas, visto que a maior parte do espaço geográfico é constituída por dunas, daí o termo areais. O fascículo, de nº 20, foi editado pelo PNCSA em 2011. A acadêmica do curso de Geografia da UFSC, Aline Miranda Barbosa, que fazia parte da equipe, acabou por produzir seu TCC sobre a comunidade, conforme já exposto anteriormente. Ambos, fascículo da Cartografia Social e TCC de Aline, têm ajudado como documento no processo em andamento junto ao INCRA de reivindicação e regularização territorial de área dos Areais para a Comunidade. A referida acadêmica, neste mesmo ano, apresentou e teve publicado nos Anais do Simpósio Internacional de História Ambiental e Migrações, ocorrido em Florianópolis, o artigo *Análise de Conflitos Socioambientais no Processo de Regularização Fundiária da Comunidade Tradicional de Agricultores e Pescadores dos Areais da Ribanceira, Imbituba, sul de Santa Catarina*.

Em janeiro de 2013, fui convidado a participar do Seminário Estrategias de Adaptación de las comunidades andinas ante el proceso de câmbio climático, sob coordenação do renomado prof. Hugo Romero Aravena, onde proferi conferência e ministrei mini-curso sobre o tema *Tierras Comunes y Poblaciones Tradicionales: la experiencia brasileña de la Cartografía Social*. As atividades acadêmicas ocorreram tanto em Santiago, na Universidad de Chile, quanto em Arica, na Universidad Tarapacá, ocorrendo, neste caso, a **visita a populações tradicionais indígenas da pré-cordilheira**, que com toda a dificuldade climática, produzem excelente agricultura e abastecem ao mercado de Arica. Na sequência algumas fotografias que identificam a produção agrícola e aspectos da cultura e sociedade que vivem naqueles espaços geográficos, de região predominantemente desértica.



Aspectos da produção agrícola



Moradores na produção agrícola e, animais de criação.



Cemitério típico e indústria salineira

No mês seguinte às atividades no Chile, a convite da prof^a Guiomar Germani e Grupo de Pesquisa GeografAR (Instituto de Geociências da UFBA) apresentei, no referido Instituto, o mesmo tema: *Terras Comuns e Populações Tradicionais: a experiência brasileira da Cartografia Social*, atividade esta complementada com interessante **visita à região de Canudos no norte baiano** (Uauá, Canudos, Euclides da Cunha) onde tive a oportunidade de conhecer as áreas de domínio dos **fundos de pasto**, um característico tipo de terra de uso comum em que tradicionais populações da região soltam seu gado à solta. Abaixo, algumas fotografias que identificam este tipo de uso comum por comunidades tradicionais do sertão baiano.



Animais à solta nos “fundos de pasto”



Mangueirões com animais presos, e marca de identificação nas orelhas

Do mesmo modo, quando da participação no XV Encuentro Internacional Humboldt, na cidade do México, em setembro de 2013, além de apresentar a comunicação *Populações Tradicionais e Uso Comum no Brasil: verso e reverso da influência da Legislação* visitei áreas de domínio dos **éjidos da região de Xochimilco**, proximidades da cidade do México, sob coordenação do prof. Héctor Ávila Sánchez, investigador do Programa de Estudios Regionales da Universidad Nacional Autónoma de México - UNAM. Os ejidos são uma histórica categoria de terra de uso comum presente em vários espaços geográficos do México, de domínio das populações indígenas, já existentes muito antes da chegada dos espanhóis ao país, e que permanecem até a atualidade. A seguir exponho algumas fotografias que identificam este tipo de uso comum por comunidades tradicionais locais.



Area de entrada dos éjidos de Xochimilco; e um dos vários canais nele existentes



Habitante local e sua criação à solta; e área com plantação



Típico transporte de uso nos canais; e equipe em visita ao éjido (Prof. Héctor Sánchez em primeiro plano)



Antigas áreas de plantação entre canais; e espaço atual com permacultura

Por sua vez, em 2014, fiz parte do projeto *A Fronteira Agrícola Centro-Norte Brasileira: regionalização, mobilidade do trabalho, modernização, propriedade da terra e processo de urbanização*, do Instituto de Geociências da UNICAMP, coordenado pelo prof. Vicente Eudes Lemos Alves. A área geográfica objeto de estudo foi o espaço transfronteiriço entre os estados do Maranhão, Piauí, Tocantins e Bahia⁶. Mais especificamente, as áreas de **chapadões de vegetação predominantemente de cerrado, além das áreas de várzeas e alagadiços, de domínio dos babaçuais, historicamente, espaços de uso comum**, mas que vem sendo rapidamente absorvidos pela expansão dos *commodities* – soja, algodão, milho, alterando assim todo um modo de vida tradicional até então dominante em toda a região. Minha parte foi identificar e analisar as tradicionais populações das regiões de chapadas, assim como das várzeas e alagadiços, aí incluindo comunidades quilombolas, os usos comuns e as relações do coletivo. Toda a constatação do que vem ocorrendo com as populações e suas diferentes formas de uso comum se deram no noroeste baiano (região de Barreiras e Luís Eduardo Magalhães), sul piauiense (região de Gilbués, Bom Jesus, Redenção do Gurguéia, Uruçuí), e sul maranhense (região de Balsas). Como resultado final do projeto foi publicado o livro (coletânea) *Modernização e regionalização nos cerrados do Centro-Norte do Brasil: Oeste da Bahia, Sul do Maranhão, Sul do Piauí e Leste de Tocantins*, pela editora Consequencia do Rio de Janeiro em 2015. Neste, temos o capítulo 7, ***Populações tradicionais e formas de uso comum: transformações atuais em áreas de fronteiras agrícolas***. Abaixo, algumas fotografias que identificam as comunidades tradicionais, seus usos comuns e todo o processo de transformação em decorrência da expansão do agronegócio.



Redenção do Gurguéia-PI: Gado solto nos cerrados, e acerca fechando áreas comuns

6 Usualmente a região é conhecida pela sigla MAPITOPA, por vezes MATOPIBA ou mesmo BAMAPITO.



Buritizais no sul do Piauí e casa rural típica em Monte Alegre do Piauí



Muita soja em Uruçuí-PI, e placa indicando as fazendas em Luis Eduardo Magalhães-BA

Conjugando-se a toda essa situação, desde o ano de 2010, até o início deste ano de 2018, quando encerrou, participei, como membro, do **projeto Kadila: culturas e ambiente – diálogos entre Brasil e Angola**. Este esteve integrado ao Núcleo de Identidades e Relações Interétnicas – NUER, do Departamento de Antropologia da UFSC, e à Faculdade de Letras da Universidade Agostinho Neto – UAN, de Angola, e com as atividades coordenadas pelas professoras Ilka Boaventura Leite (NUER/UFSC) e Amélia Arlete Mingas (Faculdade de Letras/UAN) que substituiu ao prof. Samuel Rodrigues Aço, falecido em 2015. O projeto visava aprofundar diálogos e parcerias, iniciados em 2010, ao abrigo do Protocolo de Cooperação assinado em maio de 2009, entre a Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/Brasil e a Universidade Agostinho Neto, Luanda/Angola e desenvolvido pelo NUER-UFSC e CE.DO (Centro de Estudos do Deserto) /Angola. E com duas metas: a) o desenvolvimento de pesquisas sobre a mobilidade humana e a valorização de práticas e saberes sobre a itinerância como forma de existência na região sudoeste de Angola; b) a formação e especialização de professores e estudantes através de um programa de mobilidade envolvendo os dois países e instituições.

Como parte das atividades no projeto, estive, no mês de junho de 2014, acompanhado da prof^a Amélia Arlete Mingas e do acadêmico Narciso Homem, ambos ligados à Faculdade de Letras da UAN, na **região do Deserto de Namibe, mais especificamente no vale do Kuroka, comunidade de N'jambassana, e Parque Nacional do Yona**, tendo-se contato com **populações de pastores transumantes**, que transitam por grandes espaços com seu gado, inclusive, por vezes, ultrapassando a fronteira da Namíbia⁷. De nossa parte, a intenção era compreender o modo de vida daquelas populações, em ambiente natural tão difícil como o é o deserto. Foi uma experiência marcante, por ter-se a oportunidade não só de conviver com paisagens geográficas desérticas bastante diversas quanto compreender modos de vida que mantêm cultura e tradições específicas, em um modo de produção de domínio do coletivo em relação ao individual, lembrando, de certa maneira, o que convencionamos chamar de população tradicional. A professora Amélia Mingas (coordenadora do projeto em Angola) e o acadêmico Narciso Homem estiveram também em campo, desenvolvendo trabalhos mais voltados aos seus campos de domínio, a linguística. O projeto findou-se agora em 2018 e um de seus resultados foi a publicação do livro *Kadila: culturas e ambientes – diálogos Brasil-Angola*, coordenados pelas professoras Ilka Boaventura Leite (CFH) e Cristine Gorski Severo, do Centro de comunicação e Expressão/UFSC e também membro do projeto, e que esteve em missão de trabalho em Luanda. Há uma versão em e-book⁸. Nossa parte neste foi o capítulo 9 – *Missão Kadila: percepções sobre Luanda, vale do Kuroca e Parque Nacional do Yona* (p. 109-144) retratando a experiência que lá tivemos. Abaixo algumas fotografias que identificam, principalmente, aspectos da cultura e sociedade que vivem e transitam naqueles espaços geográficos.



Centro de Estudos do Deserto, e contraste entre as casas tradicionais e modernas em N'Jambassana

7 O deserto do Namibe extravasa a fronteira e domina também parte do noroeste da Namíbia.

8 Disponível no site <https://www.blucher.com.br/livro/detalhes/kadila-culturas-e-ambientes-1235>



“Bairro” Túe, próximo à N’Jambassana, e cisterna coletiva na comunidade de Yona



Típica “cubata”, e cubata em construção



Gado bovino transumante, e criação de caprinos



Mulheres em dança típica em um funeral, e pequeno pastor de caprinos

4.2.4. Outros Projetos

No período de agosto de 2009 a julho de 2010 participei como membro do projeto *Análise do mercado de alimentos processados pela agricultura familiar: o circuito dos queijos e embutidos coloniais comercializados em Florianópolis*. Foi coordenado pelo professor Clécio Azevedo da Silva, e objetivava analisar o circuito dos queijos e embutidos processados pela agricultura familiar e comercializados em Florianópolis, propondo mecanismos e formas de intervenção em favor da agricultura familiar, a partir da definição dos fluxos, das quantidades e da localização das unidades de produção, transformação e pontos de varejo.

Atualmente, integro, desde 2016, o projeto *Políticas públicas, mercados institucionais e agricultura urbana/periurbana*, coordenado (junto à UFSC) pelo prof. Clécio Azevedo da Silva. A proposta de investigação científica e de cooperação envolve equipes de pesquisadores vinculadas aos programas de pós-graduação em Geografia da UNESP – Presidente Prudente, UFRN e UFSC, as quais visam estudar as diferentes e atuantes políticas públicas e os mercados institucionais inseridos no espaço da agricultura urbana e periurbana. A coordenação geral está a cargo do prof. Antônio Nivaldo Hespanhol, da UNESP-Presidente Prudente. Vários seminários locais e atividades práticas (conjugando as três equipes) já ocorreram nas áreas origem do projeto: espaços conurbados de Natal, Florianópolis e Presidente Prudente, e, ano que vem, o grupo de Florianópolis coordenará um Seminário Internacional, coordenado pelo Laboratório de Estudos do Espaço Rural – LabRural/UFSC, e o projeto se encerrará, no final de 2020, com um Encontro Nacional e lançamento do livro que congregará os resultados obtidos em todo o período de sua vigência.

Por fim, como parte do Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil do CNPq, sou, em conjunto com prof. Clécio Azevedo da Silva, líder do **Grupo de Pesquisa Estudos da dinâmica regional e de processos rurais**. No Programa de Pós-Graduação em Geografia/UFSC, integro a Linha de Pesquisa *Dinâmicas e Configurações de Espaços Rural, Urbano e Regional*.

5. O Lugar da Extensão

O lugar da extensão enquanto membro do corpo docente da UFSC se deu de diferentes maneiras. Houve inúmeras participações em eventos científicos, em sua maioria com apresentação de trabalhos, assim como a ministração de mini-cursos, palestras, conferências. Importante também os projetos de extensão, ligados a temas e/ou comunidades específicas, além da participação em bancas de variadas ordens, internas ou externas à UFSC, acadêmicas ou de outra ordem.

5.1. Participação em Eventos científicos (encontros, congressos, simpósios, seminários)

Os eventos são de grande importância em nosso processo de formação e engrandecimento acadêmico e profissional, por proporcionarem novos elementos de compreensão da sociedade, economia, cultura, etc. Faço aqui um comentário e análise mais geral, pois, uma listagem mais detalhada sobre todas as participações aparecerá também no segundo momento deste Memorial, constituída pela parte de comprovação documental.

Quando estudante na UFSC foram poucos os encontros os quais participei, e a maioria na própria UFSC. Isto se explica por não haver a quantidade e regularidade de encontros como na atualidade e as dificuldades financeiras comuns enquanto estudante. Se restringiu a dois encontros locais (Semana do Geógrafo e Semana de Ecologia) e um nacional (XXXI Congresso Brasileiro de Geologia). Já como professor, porém ainda antes de estar na UFSC, estive presente em oito encontros locais (sendo quatro Semanas de Geografia da UFSC; uma Semana de Estudos Açorianos; e três mini-cursos específicos).

5.1.1. Participação como ouvinte e/ou apresentador de trabalho

A partir da entrada na UFSC como docente as possibilidades e necessidades de participação em diferentes encontros foi se ampliando. Assim, a partir de 1992, participei diretamente de 63 eventos, grande parte com apresentação de trabalho e com consequente publicação em Anais ou coletânea específica. Noutros 29 estive como palestrante, conferencista, membro de mesa redonda ou participando de atividades empíricas em campo. Cerca da metade foram encontros nacionais e/ou internacionais. Em determinado grupo de encontros os temas centrais foram mais específicos, voltados ao rural; ao uso comum e/ou populações tradicionais; ou a temas centrais voltados ao regional ou ao urbano. A grande maioria, no entanto, foram encontros gerais de geografia ou afins, cujos temas estavam espalhados em diferentes partes constituintes: mesas, conferências, mini-cursos, grupos de trabalho, etc., escolhendo então participar daquilo que viesse a atrair.

5.1.2. Como coordenador de evento e/ou atividade específica

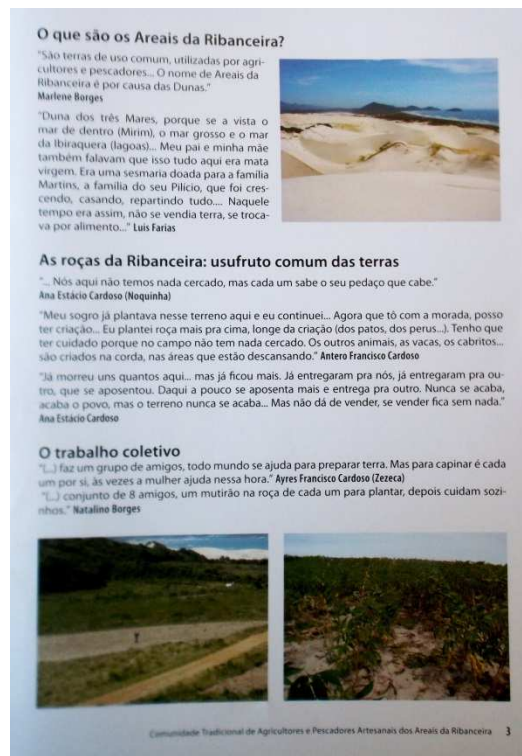
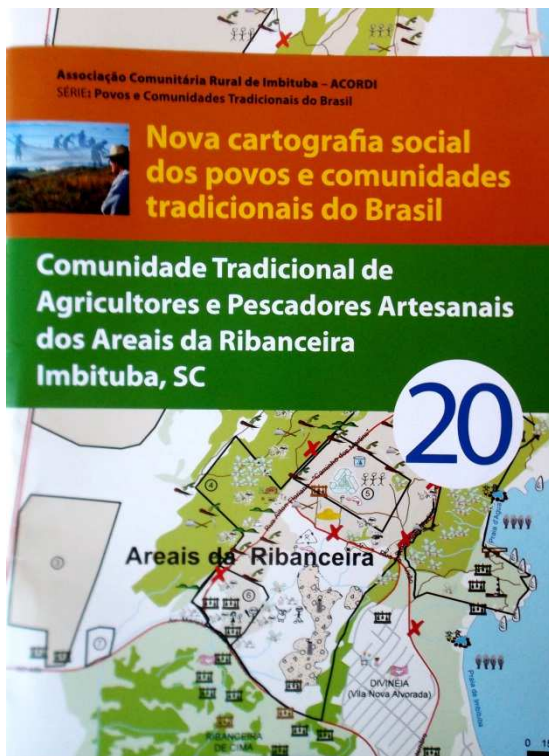
Enquanto coordenador estive presente em 17 eventos, participando de sua organização (como um todo ou em atividades específicas). Entre eles, seis Semanas de Geografia da UFSC (SEMAGEO XIII em 1992, XIV em 1993, XXI em 2000, XXII em 2001, XXV em 2004, XXX em

2009, sendo que nesta última, conjugou-se também ao Iº Simpósio do Cone Sul de Geografia. Também coordenei duas Semanas de Integração do CFH (que congrega atividades acadêmicas ligadas aos vários cursos do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC). Em Encontros Nacionais, estive presente também como coordenador de partes e/ou atividades dos mesmos: **XIIº Encontro Nacional de Geógrafos**, em Florianópolis no ano de 2000, fiz parte da Comissão Geral e da Comissão Científica dos Cursos; **V Encontro Nacional da ANPEGE**, em Florianópolis no ano de 2003, estive na Coordenação e Apoio ao Eixo “*Região e Análise Regional*”; **V Encontro Nacional da ANNPAS**, em Florianópolis no ano de 2010, fui coordenador do GT 12 – Grupo Temático Sistema de Uso Comum de Recursos Naturais: dinâmica social e política; **I Simpósio de Pesquisadores de Faxinais: estado da arte e perspectivas**, em Ponta Grossa no ano de 2011, fui Coordenador do Espaço Coletivo II; **VI Encontro Nacional da ANNPAS**, em Belém no ano de 2012, coordenei o Grupo Temático Sistema de Uso Comum de Recursos Naturais: dinâmica social e política; **XV Encuentro Inernacional Humboldt**, na cidade do México no ano de 2013, fui moderador na sessão 3 – Geografía Social; e, **VIII ENGRUP** – Encontro de Grupos de Pesquisa – agricultura, desenvolvimento regional e transformações sócio-espaciais, em Florianópolis no ano de 2015, integrei a comissão organizadora em conjunto com prof. Clécio A. da Silva.

5.2. Projetos de Extensão

Foram três os projetos de extensão que estive inserido, um deles como coordenador e os outros dois como participante.

O primeiro foi o projeto *Cartografia Social do Sul Catarinense: a comunidade de Areais da Ribanceira, Imbituba-SC*. Ocorreu no ano de 2010 a 2011, estando como participante, sob a coordenação da antropóloga Raquel Mombelli, Participaram também estudantes do curso de graduação em Geografia e Biologia da UFSC. Na verdade, foi um trabalho coletivo realizado para um coletivo – a comunidade tradicional dos Areais da Ribanceira. Tinha como objetivo o desenvolvimento, junto à comunidade de agricultores e pescadores dos Areais da Ribanceira, no município de Imbituba-SC, a sua cartografia social. O desfecho do projeto foi a produção final do fascículo da série Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil, que saiu como caderno nº 20, integrante do Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil, coordenado pelo PNCSA de Manaus. O mais importante disso tudo é que a comunidade não apenas se viu reconhecida na publicação, como esta tem lhe servido positivamente no processo de regularização territorial que corre junto ao INCRA. A seguir o fascículo nº 20 sobre a comunidade tradicional de agricultores e pescadores artesanais dos Areais da Ribanceira e, a página central do mesmo, com o mapa da cartografia social da comunidade.



Capa e primeira página do fascículo nº 20 sobre a comunidade dos Areais da Ribanceira



Cartografia social da comunidade de agricultores e pescadores dos Areais da Ribanceira

De fins de 2014 a abril de 2016, com complementaridade de mais um ano de atividades, fui membro, e também coordenador, do projeto *Comunidade Quilombola Vidal Martins – Florianópolis-SC: estudos sócio-antropológicos com vistas à aplicação do Decreto 4.887*. Como participantes as prof^{as} Ilka Boaventura Leite e Maria Eugénia Dominguez (esta mais no início do processo) do Departamento de Antropologia da UFSC e o prof. Henrique Espada Lima do Departamento de História da UFSC, e vários estudantes (graduação e pós) dos cursos de Antropologia, História e Geografia da UFSC.

Igualmente, foi um trabalho de todo um coletivo, cujo objetivo foi desenvolver, através de parcerias entre instituições públicas e organizações não-governamentais, ações voltadas para a garantia de acesso das populações afro-brasileiras aos direitos sócio-culturais que configuram sua plena cidadania. Mas, principalmente, proporcionar ao INCRA instrumentos que facilitem a esta instituição realizar o processo de demarcação e titulação do território quilombola nos termos do Decreto 4.887, considerando o pleito da Associação Comunitária Vidal Martins, reconhecido pela Fundação Cultural Palmares em 2013. O processo deu-se através do Acordo de Cooperação Técnica firmado entre UFSC e INCRA em 30 de abril de 2015.

Após um exaustivo trabalho de levantamento histórico documental, bibliográfico e trabalhos empíricos nas áreas objeto de reivindicação, a equipe responsável entrega, em maio de 2016, a versão preliminar do Relatório Sócio-Antropológico para o INCRA. Após alguns percalços e dificuldades a equipe UFSC retoma as atividades para dar término e entregar definitivamente ao INCRA a versão final do Relatório, o que ocorreu recentemente, em agosto de 2018. Cabe agora ao INCRA dar continuidade aos trabalhos e proceder às etapas que faltam para dar término ao Relatório Técnico de Identificação e Delimitação do Território – RTID e conseguir assim definir o território reivindicado pela comunidade.

Assim como a cartografia social realizada na comunidade dos Areais da Ribanceira, o Relatório Sócio-Antropológico da comunidade Vidal Martins contempla importantes subsídios para que o órgão responsável, no caso o INCRA, dê continuidade ao processo e proceda de modo a garantir àquela comunidade seu histórico direito ao território.

Por fim, fiz parte do projeto *Expressões do Axé nas religiosidades afro-brasileiras da Grande Florianópolis*, coordenado pela prof^a Ilka Boaventura Leite. Estava como membro participante, assim como também a prof^a Cristine Gorski Severo do Centro de Comunicação e Expressão – CCE/UFSC, além de estudantes dos cursos de Antropologia, Geografia e Linguística. O projeto foi parte de um acordo entre UFSC e IPHAN, cujo objetivo era promover um amplo levantamento das casas religiosas de matriz africana existentes na área conurbada de Florianópolis

(Florianópolis, São José, Palhoça e Biguaçu). Como resultado final do projeto tem-se a publicação intitulada *Territórios do Axé – religiões de matriz africana em Florianópolis e municípios vizinhos*.

5.3. Participação em bancas de trabalhos finais de curso (Graduação e Pós-Graduação)

Retrato aqui a participação em bancas de defesa de trabalho final de curso (Trabalho de Conclusão de Curso de graduação – TCC, qualificações de mestrado e doutorado, monografias de especialização *latu sensu*, e bancas de defesa de dissertação e tese). Mesmo que não possa considerar propriamente como uma atividade de extensão, incluo aqui também as bancas referentes aos processos de seleção aos cursos de pós-graduação; bem como, aquelas ligadas aos concursos públicos para a carreira docente universitária, tanto de ingresso efetivo quanto de processo simplificado para professor substituto, e que, na Relação de Atividades deste Memorial, aparece em seu item nº 6.

5.3.1. Bancas de trabalhos finais de curso (graduação e pós-graduação)

Estou aqui considerando a participação em bancas até o término do primeiro semestre de 2018. Foram, no total, 71 **bancas de TCC** mais dois **relatório de conclusão de Estágio Acadêmico**, com o domínio dos temas abordando *aspectos de localidades, bairros, municípios* (37); trabalhos abordando *temas socioambientais* (12); *meio rural / uso da terra* (11). Os demais assim se dividiram: *dinâmica econômica regional* (5); *uso comum / populações tradicionais* (4); *infraestrutura/mobilidade* (2); *cartografia* (1); *biografia* (1). Os **exames de qualificação de mestrado e doutorado** foram 66 no total. Houve certo equilíbrio quanto aos três temas que mais aparecem: *aspectos de localidades, bairros, municípios* (22); *dinâmica econômica regional* (15); temas abordando *meio rural e inter-relações* (11). Os demais assim se dividiram: *uso comum / população tradicional* (7); tema *socioambiental* (6); *infraestrutura / mobilidade* (3); *educação* (1); *cartografia* (1). Em relação às defesas de **dissertações de mestrado**, a participação em bancas foram 52 no total, com um grande domínio referente a aspectos sobre *localidades, bairros ou municípios* (28). A outra parte assim se dividiu: *meio rural e inter-relações* (10); *dinâmica econômica regional* (6); *uso comum / populações tradicionais* (4); temas *socioambientais* (2); *educação* (1); *infraestrutura / mobilidade* (1). Por fim as defesas de **tese de doutorado** foram 20 no total. Há um domínio maior quanto a temas ligados à *dinâmica econômica regional* (8); e os demais assim divididos: *meio rural e inter-relações* (4); *uso comum / populações tradicionais* (3); temas

sobre *localidades, bairros ou municípios* (3); *infra estrutura/mobilidade* (1); *cartografia brasileira* (1).

Num apanhado geral, considerando todos os níveis (TCC, qualificações de pós-graduação, dissertações e teses), o **total de bancas foi 211**, assim distribuídas por temática em ordem de quantidade: temas abordando *aspectos de localidades, bairros, municípios* tem um grande domínio (90); *meio rural e inter-relações* (36); *dinâmica econômica regional* (34); *temáticas socioambientais* (20); *uso comum / população tradicional* (18); e *infraestrutura / transporte / mobilidade* (7); *cartografia* (3); *educação* (2); *biografia* (1).

Embora essa quantificação pareça desnecessária, ela dá uma noção do domínio de temáticas inseridas na ótica da geografia regional assim como das questões voltadas ao meio rural, configurando aí também o direcionamento quanto à minha inserção à essas áreas da geografia, e temas, como é o caso do uso comum e população tradicional.

5.3.2. Bancas de ingresso em cursos de pós-graduação

Desde 1999 venho participando das bancas do Processo de Seleção para os alunos que ingressam no curso do Programa de Pós-Graduação em Geografia/UFSC, na área de Desenvolvimento Regional e Urbano. No total foram 14 bancas, sendo 6 para a seleção do mestrado (1999, 2000, 2001, 2002, 2003 e 2010) e 8 de doutorado (2004, 2005, 2006, 2008, 2012). Além de uma comissão para avaliação do processo seletivo de pós-doutorado em Geografia, no ano de 2015.

5.3.3. Bancas de Concurso Público para o Magistério Superior

Logo após ter entrado como docente na UFSC já iniciei minha participação em bancas de seleção de professores para o cargo do magistério superior. A grande maioria foram bancas com vistas ao Processo de Seleção Simplificado para professor substituto no curso de Geografia/UFSC, em campos disciplinares que integram a área de Geografia Humana: concursos do ano de 1993, 1994, 2000 (quatro processos diferentes), 2003, 2012, 2014, 2015 e 2017. Quanto a concurso público de Ingresso no Magistério Superior, participei, em 1994, de banca na UNIPLAC – Universidade do Planalto Catarinense; outra, neste mesmo ano, na UDESC (Universidade do Estado de Santa Catarina); e, em 2001 e 2017, banca para Professor Adjunto do Departamento de Geociências da UFSC.

5.4. Ministração de Cursos/Minicursos

Em diferentes situações (Encontros ou outras atividades) ministrei mini-cursos. No geral, para discentes do nível de graduação, como no caso daqueles ministrados nas Semanas de Geografia da UFSC: XVIª Semageo (1995) – *A Cultura Açoriana no Ensino de Iº e IIº Graus*; XXIII Semageo (2002) – *Litoral Catarinense: Gênese/Transformações/Atualidade*; XXIV Semageo (2003) – *Formação Sócio-Espacial Catarinense*; XXVI Semageo (2005) – *Litoral Catarinense Hoje: elementos para sua compreensão*; XXIX Semageo (2008) – *Dinâmica Regional Brasileira*; também em relação ao Programa de Capacitação de Recursos Humanos da FAED/UFSC (1992) – *Brasil Economia: Desigual e Combinado*; na Semana de Pesquisa e Extensão/UFSC (2008) – *Formas de Uso e Apropriação da Natureza*; e, Seminário Nova Cartografia Social: saberes, territórios e direitos coletivos, PPGAS/UFSC (2013) – *Cartografia Social: terras de uso comum e populações tradicionais*.

Também dirigido a estudantes, de graduação e pós-graduação, foi ministrado, no Chile: no Seminário Internacional “Impactos y Vulnerabilidades de Centros Urbanos ante el Cambio Climático” na Universidad de Chile em Santiago e, no Seminário Internacional “Cambio Climático, Evaluación y Desarrollo Regional en el Altiplano Chileno” na Universidad de Tarapacá em Arica (ambos em 2013) – retratando *Tierras de Usos Común y Poblaciones tradicionales: la experiencia brasileña en Cartografía Social*.

Ainda para um grupo específico, no caso constituído por lideranças sociais do município de Florianópolis e entorno, foi ministrado, no Núcleo de Estudo em Serviço Social e Organização Popular – NESSOP/CSE/UFSC (2005), o curso *Projeto Formação Sócio-Política em Gestão Comunitária e Política Urbana*.

Para um público mais amplo, não apenas restrito a estudantes, ministrou-se, na Vª Semana de Cultura Açoriana – PRCE/UFSC (1994) o curso *Diferentes Abordagens nos Estudos Regionais do Litoral Catarinense*; e, no XIIº Encontro Nacional de Geógrafos – AGB/UFSC (2000) o curso *Fundamentos Jurídicos do Uso Comum da Terra no Brasil*.

5.5. Mesas Redondas / Palestras / Conferências

Tanto em diferentes encontros acadêmicos e/ou científicos, ou outros eventos, estive presente, ora como palestrante e/ou conferencista, ora como membro de mesa redonda ou em atividades de campo, além da apresentação de um único painel. Como membro de **mesa redonda** estive no VII ENGRUP – Encontro de Grupos de Pesquisa Agricultura, Desenvolvimento Regional e Transformações Sócio-Espaciais,

na UNESP Presidente Prudente em 2011, na Mesa Redonda *Desafios da pesquisa em Geografia agrária – uma proposta de trabalho coletivo*; no IX Simpósio Brasileiro de Etnobiologia e Etnoecologia, ocorrido em Florianópolis em 2012, na Mesa Redonda *O contexto e a proposta da RESEX de Imbituba e da RDS dos Arais da Ribanceira*. Quanto às palestras ocorreram: FAED/UDESC - Curso de Geografia (1991) com o tema *Terras Comuns e Pequena Produção Açoriana em Santa Catarina*; Curso de Geografia/UNISUL Tubarão (1992) com o tema *As Terras de Uso Comum no Litoral Catarinense*; FAED/UDESC - Curso de Especialização em Educação Ambiental (1993) com o tema *Terras Comuns na Ilha de Santa Catarina*; Curso de História e Cultura Açoriana - NEA/DAP/UFSC (1993) com o tema *Aspectos Econômicos do Litoral Catarinense*; Curso de Geografia da UNESP Presidente Prudente (1994), em trabalho de campo em Florianópolis, com o tema *Cidade de Florianópolis-SC, Região Sul do Brasil*; 1º Ciclo de Idéias/PET-Geografia/FAED/UDESC (1994) com o tema *Formação Litorânea Catarinense: Colonização Açoriana - Gênese e Desenvolvimento*; XXX Semana de Geografia da UFSC (2009) com o tema *Populações Tradicionais: passado, presente, futuro*; I Simpósio de Pesquisadores de Faxinais – UEPG (2011) palestrante no lançamento do Livro: *Terras de Uso Comum no Brasil: abordagem histórico-sócio-espacial*. Quando do XIII Encontro Internacional Humboldt (2013) estive em atividade de campo na área rural de Xochimilco (México) integrado ao Convênio Interinstitucional UNAM/UFSC.

6. Funções e Atividades de Administração

Durante estes 27 anos de presença como professor do quadro da UFSC, várias foram as participações como membro de algum cargo ou atividade de cunho administrativo, tanto em relação ao Departamento de Geociências, à Coordenadoria do Curso de Geografia, quanto ao Centro de Filosofia e Ciências Humanas.

Em relação ao Departamento de Geociências, e conjugando aí a Coordenadoria do Curso de Geografia, exerci a função de Subchefe (1999 a 2001) e neste período acumulando a função de Presidente do Colegiado do Curso de Graduação, visto que à época não havia o cargo de Coordenador de Curso. E, nesta condição, fui igualmente designado representante dos Presidentes dos Colegiados do Centro de Filosofia e Ciências Humanas no mesmo período. Entre dezembro de 2001 e março de 2002 exerci, *pro tempore* a função de Chefe do Departamento, mantendo, no mesmo período, a função de Presidente do Colegiado do curso de Graduação em Geografia. Entre 2005 e 2007 retorno à Coordenadoria do Curso de Graduação em Geografia, agora com a função de

Subcoordenador. E, novamente, entre 2015 e 2017, volto a assumir a função de subchefe do Departamento de Geociências.

No Departamento de Geociências exerci também, no ano de 1993, a função de Coordenador de Pesquisa; e, a coordenação do LABEUR – Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais por dois períodos diferentes (1993 e depois em 2002).

Em relação ao Centro de Filosofia e Ciências Humanas – CFH estive, entre os anos de 2009 a 2011, na função de Vice-Diretor e, nesta condição, automaticamente como representante do CFH no Conselho Universitário da UFSC - CUn. Em 2012, em decorrência da Diretora do CFH ter assumido a Reitoria da UFSC, fui então imediatamente designado como Diretor do Centro para dar término à administração 2009-2012. Nos dias 26 a 28 de julho de 2016, em vista do afastamento do titular para participar de Encontro e, do vice-Diretor estar de férias e por estar, no momento, como Decano imediato do CFH, fui então designado a novamente assumir a função. Em relação ao Conselho Universitário/UFSC, por Portaria de 2013, fui novamente representante do CFH junto ao CUn. Este período de Vice-Diretor e depois Diretor do CFH foi muito importante para mim pois, tive uma noção mais ampla da engrenagem que move uma Unidade de Ensino (no caso o CFH), e passei a conhecer melhor os seus diversos cursos e profissionais e, as inter-relações deste Centro com os demais, assim como com as instituições administrativas da UFSC. Até hoje continuo tendo boas relações acadêmicas e profissionais com os colegas docentes e técnicos administrativos de outros cursos ou setores do Centro.

7. Outras coisas....

Tudo o que foi até aqui exposto não condiz com o total de atividades e trabalho realizado no Curso de Geografia, Departamento de Geociências, Centro de Filosofia e Ciências Humanas ou Universidade Federal de Santa Catarina. Foram muitas outras as atividades realizadas junto ao Departamento de Geociências ou Centro de Filosofia e Ciências Humanas em todo o período de 27 anos de docência na UFSC, e que tomaram um bom tempo de trabalho e preocupação. Aí estão as tradicionais reuniões dos diferentes colegiados; as participações nas Disciplinas Seminário de Dissertação e Seminários de Tese do curso de pós-graduação em geografia do PPGG/UFSC, realizando a análise dos projetos dos discentes; também no PPGG integrei comissões de avaliação de candidatos à bolsa PDSE; no Departamento de Geociências integrei várias comissões internas, tanto da Coordenação do Curso de Geografia quanto do Departamento; além de comissões interdepartamentais no CFH; além de outras inúmeras atividades. Embora não as tenha incluído em

nenhum dos itens que integram o conjunto de atividades expostas na Relação das Atividades – 1992-2018, no conjunto, tiveram também grande importância no processo de vivência e trabalho em todos esses anos.

8. E o devir?

Veja por outra alguém tem me abordado questionando se já estou em vias de me aposentar. Eu geralmente desconverso. Sinceramente, é algo que ainda não me passa pela cabeça. Espero que nada de “estranho” aconteça neste país, pois, sinto que tenho ainda “muita lenha para queimar” e contribuir no que for possível com esta instituição, que me acolheu e em muito influenciou e continua influenciando em minha vida. Afinal, 27 anos, mais uns 13 enquanto estudante somam 40. Isto não é qualquer coisa, é uma vida. Criam laços profundos, que certamente se manterão mesmo após findado este ciclo atual da docência.

Tenho em mente ainda proceder ao processo de um segundo pós-doutorado, possivelmente em 2020 ou 21, talvez como um grande fecho na temática de minha preferência, as formas de uso comum da terra e natureza em geral, incluindo, quiçá, a questão da água, e o que reserva o futuro a respeito.

Por outro lado, após 10 anos de luta, com o parceiro e amigo Clécio Azevedo da Silva, para conseguir um tão sonhado espaço físico para abrigar o LabRural – Laboratório de Estudos do Espaço Rural, e agora o tendo conseguido, é que a coisa tende a fluir ainda mais. A começar, já no ano que vem, com o Seminário Internacional sobre a temática da agricultura urbana e peri-urbana que coordenaremos e se realizará na UFSC e que o Laboratório e todos os seus membros estarão plenamente inseridos. E muitos outros eventos, projetos, orientações e atividades poderão vir ocorrer a partir de agora.

Há também a questão do Espaço Memória da Geografia Brasileira Contemporânea, que, com a aposentadoria do prof. Ewerton Vieira Machado (idealizador e coordenador por vários anos), estarei assumindo a coordenação, em um novo espaço físico que está sendo preparado no Bloco A do CFH, com muitas ideias e vontade de desenvolver inúmeras atividades.

Enfim, há muito ainda o que fazer.

Mas, retornando ao que passou, por algum motivo, especial ou não, algumas pessoas foram citadas no transcorrer do Memorial. Não obstante, é sempre difícil citar nomes, sob o perigo de esquecer a muitos que mereceriam ser lembrados. Reconheço que muita gente foi importante em

minha caminhada em todo o período exposto e agradeço a todos por tudo aquilo que porventura tenham contribuído

Entretanto, para finalizar, peço licença mas faço questão de enfatizar aqui a três nomes. Minha grande amiga, maninha de coração, companheira de grandes lutas, Magaly Mendonça, que precocemente nos deixou, por uma dessas coisas inexplicáveis da vida, mas que, onde quer que esteja, está certamente a nos incentivar à luta por um mundo de maior dignidade, como sempre lutou, a seu modo. Amiga, um dia nos encontraremos..... mas levará um bom tempo ainda.

Por outro lado, mesmo que estejamos a falar de quase três décadas vividos no ambiente profissional da UFSC, na verdade quatro, considerando todo o ambiente acadêmico, nem sempre o que há de mais importante, de mais marcante, está obrigatoriamente neste mesmo ambiente. É aí que evidencio minha esposa Sandra, companheira de muitas batalhas, outras batalhas, que em muito influem e refletem naquilo que realizo, inclusive na UFSC. Seu incentivo, paciência, compreensão e ajuda, que muitas vezes não aparece, me serve de suporte, e inspiração, no dia a dia profissional. Nisto, lembro também de minha filha Cintia, que carrega um pouco de nós dois e que, como muitos, neste mundo difícil de hoje, tenta encontrar seu lugar ao sol. O profissional nem sempre me proporcionou o tempo disponível para dar-lhe a devida atenção, mas certamente ela representa meu legado, o motivo maior por continuar lutando por um mundo diferente, de respeito e inclusão de todos, principalmente para a sua geração e vindoura.